

A INADEQUAÇÃO DO CONCEITO DE BILDUNGSROMAN EM MRS. DALLOWAY

Juliana Pimenta Attie

Universidade Estadual de São Paulo

ABSTRACT: For being a novel that portrays a character's trajectory to her personal development, some critiques consider Virginia Woolf's Mrs. Dalloway a kind of feminine Bildungsroman, a concept that presents the same essence of the traditional Bildungsroman, but also some differences in the way the trajectory is conducted and, specially, in its conclusion. This article aims to investigate how it is difficult to adapt the concept of Bildungsroman in Woolf's novel Mrs. Dalloway, both the traditional and the female Bildungsroman. In this way, it will expose the form which the characters, particularly Septimus Warren Smith, influence the trajectory of the protagonist Clarissa Dalloway. She, despite being aware of the social ills resulting from the First World War and does not agree with them, has no concrete action in opposition to that: she continues to give parties for the English aristocracy, the main responsible for the problems of the nation. Thus, her trajectory does not coincide with the traditional Bildungsroman, especially for her identification, at the end of the narrative, with the Septimus, symbol of the decaying nation. However, even if the narrative report the story of a woman's life in adulthood, whose childhood and adolescence are brought to the reader through memories - characteristics listed for female Bildungsroman - the character does not disintegrate completely with the society. So, besides the analysis of Mrs. Dalloway, this article counts on the critical fortune that accompanies it, as well as texts concerning the traditional and female Bildungsroman.

KEYWORDS: Bildungsroman; Mrs. Dalloway; Virginia Woolf.

RESUMO: Por se tratar de um romance que retrata a trajetória de uma personagem a caminho do desenvolvimento pessoal, alguns críticos consideram o romance Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf, como uma espécie de Bildungsroman feminino, conceito que apresenta mesma essência do Bildungsroman tradicional, mas com algumas diferenças na forma como a trajetória é empreendida e, principalmente, na conclusão. No entanto, o presente trabalho busca investigar como o conceito se mostra difícil de adequar no romance em questão, devido a uma série de fatores, em especial, a forma como certas personagens, particularmente Septimus Warren Smith, influenciam a trajetória da protagonista Clarissa Dalloway. Ainda que a narrativa relate a história de vida de uma mulher já na idade adulta, cuja infância e adolescência são trazidas ao leitor por meio de recordações – características elencadas ao Bildungsroman feminino – a personagem não rompe totalmente da sociedade, tampouco se integra a ela. Nesse intento, além da análise do romance, o artigo se apoia também na fortuna crítica que o acompanha e em textos sobre o Bildungsroman tradicional e o feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Bildungsroman; Mrs. Dalloway; Virginia Woolf.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o conceito de Bildungsroman, mais especificamente o Bildungsroman feminino, aplicado por críticos como Abel (1983), Castle (2006) e Westervel (1997) ao romance *Mrs. Dalloway* (1966), de Virginia Woolf, e demonstrar como essa terminologia acaba se descaracterizando neste texto modernista, de autoria feminina.

De acordo com Maas (1999: 14), o termo Bildungsroman nasce em meio a um movimento de busca por um caráter nacional na literatura alemã. Sendo assim, é um conceito extremamente ligado aos acontecimentos culturais e históricos do final do século XVIII na Europa, principalmente na Alemanha. A obra paradigmática é o romance de Goethe, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (1994), publicada em 1795, que mostra o caminho (ou uma tentativa) traçado pelo protagonista Wilhelm Meister em busca de seu desenvolvimento pessoal e sua integração com a sociedade.

Boes (2006) comenta que a partir das décadas de 80 e 90, com o crescimento dos estudos feministas e pós-coloniais, ampliaram as definições do conceito de Bildungsroman. Tais desenvolvimentos proporcionaram releituras de autores canônicos do modernismo, como Woolf, Joyce e Conrad, enfatizando a ruptura com romances do século XIX no que tange o processo de desenvolvimento do protagonista. O estudioso lembra ainda que outra obra importante para o estudo do Bildungsroman feminino é *Unbecoming Women* de Fraiman, publicada em 1993. No entanto, tal estudo abrange apenas as obras vitorianas.

Desde seu surgimento, o Bildungsroman tem ultrapassado as fronteiras da literatura alemã e vem sendo usado para classificar a maioria dos romances que, como a obra goethiana, apresentam um personagem que busca aprimorar suas habilidades individualmente e socialmente. Entretanto, há algumas ressalvas que devem ser feitas a essa extensa utilização

do termo em contextos históricos e sociais tão diversos de sua origem, uma vez que, como já foi mencionado, o Bildungsroman é um conceito historicamente demarcado.

Neste sentido, será analisada a possibilidade e, até mesmo, a validade da utilização desse gênero para aplicação ao texto modernista, de Virginia Woolf, *Mrs Dalloway* (1966). Para tanto, primeiramente será feito um breve estudo a respeito de como os teóricos e os críticos literários concebem a questão do Bildungsroman feminino e, em seguida, será apresentada a análise da trajetória não apenas da protagonista Clarissa Dalloway, bem como de outras personagens do romance em questão, as quais retratam o conturbado contexto britânico pós-primeira guerra. Em especial, será apresentada análise enfática sobre o veterano de guerra Septimus Warren Smith, cuja trajetória e destino trazem à tona a desestruturação da sociedade britânica nos anos que seguiram a Primeira Guerra Mundial. A inclusão dos personagens no romance acaba por descaracterizar a apresentação exclusiva, individualizada, da protagonista, porque há a manifestação de crítica à sociedade britânica da época que extrapola os propósitos tradicionais do romance de formação.

Bildungsroman feminino

A discussão sobre o Bildungsroman feminino é escassa e relativamente recente. De acordo com Pinto (1990: 12), os primeiros estudos foram realizados por Ellen Morgan em 1972 a respeito dos romances neofeministas anglo-americanos. Conforme esta estudiosa, o Bildungsroman tradicional refere-se apenas às questões masculinas, uma vez que os romances de aprendizagem feminina se voltam à preparação da mulher para o casamento e a maternidade; inclusos também aqueles que expõem o desenvolvimento intelectual e/ou psicológico e terminam com o fracasso da protagonista, seja a morte ou a uma viagem sem destino conhecido.

Segundo Morgan, o final negativo acontece devido ao abismo que, na maioria das vezes, há entre o desenvolvimento interior da mulher e o do mundo que a rodeia. Em outras palavras, diferente da integração do EU com a sociedade que o desenvolvimento das habilidades propicia no Bildungsroman tradicional, no feminino há uma discrepância entre o interno e o externo, uma vez que: “O ‘mundo exterior’ responsável pela formação do herói do Bildungsroman seria, no caso da protagonista feminina, o lar e a família, não havendo margem para o crescimento interior.” (PINTO, 1990: 13).

Esse limite pode ser relacionado com o que Virginia Woolf denominou, em seu ensaio “Professions for Women”, de *The Angel of the House*: “She was intensely sympathetic. She was immensely charming. She was utterly unselfish. She excelled in the difficult arts of family life. She sacrificed herself daily”. (WOOLF, 2010: n/p). A escritora observa que, para a mulher seguir sua vida para além dos limites de mãe e esposa – no caso deste ensaio, sua escritura – ela precisaria matar o anjo do lar, ou então jamais conseguiria exercer sua profissão.

Diante disso, a questão da inadequação da personagem feminina perante as leis morais e sociais do mundo em que vive é o que justifica o fato de, frequentemente, o final de mulheres que ousaram “matar o anjo do lar” ser infeliz e, muitas vezes, a saída para elas ser a própria morte. Isso explicaria também a ausência da mulher como protagonista do Bildungsroman.

Pinto (1990: 13) afirma ainda que outra noção que permeia os estudos de Bildungsroman feminino, que surgiu a partir dos trabalhos de Morgan, é o fato de que, em grande parte dos romances feitos por e sobre as mulheres, a protagonista se mostra na trama já na idade adulta, apresentando ao leitor sua infância por meio de lembranças, mas sem o

acompanhamento de todas as fases de seu crescimento como há no Bildungsroman tradicional.

Dessa forma, tendo em vista essas e outras divergências, Pinto (1990: 15) aponta que alguns teóricos e críticos sugerem outras nomenclaturas, como fizeram Abel, Hirsch e Langland (1983), ao considerarem mais adequado a expressão “[...] ‘novels of female development’, que incluiria tanto o crescimento físico e interior da protagonista a partir da sua infância como seu crescimento interior já na idade adulta” (PINTO, 1990: 15, grifo da autora).

Para exemplificar, podem-se destacar duas personagens mulheres presentes nas obras de Woolf: Lily Briscoe, de *To the Lighthouse* (1965), e Miss La Trobe, de *Between the Acts* (2000). Ambas são artistas, pintora e escritora/produtora de teatro, respectivamente. Elas escolhem colocar o seu modo de fazer artístico e sua visão de mundo em suas obras, embora não estejam de acordo com o restante da sociedade. Sendo assim, ao abdicarem os convencionais papéis femininos de esposa e mãe, elas abrem mão do bom convívio e da aceitação social, para poderem se expressar em suas manifestações artísticas. Além disso, são apresentadas ao leitor na maturidade e não há informações sobre a infância ou adolescência.

Devido aos desvios em relação ao formato do Bildungsroman tradicional, cabe o questionamento, como também fizeram algumas das críticas em que Pinto (1990: 15) se fundamentou, sobre a validade do uso dessa terminologia na literatura de autoria feminina que, apesar de apresentar em seu início, algumas vezes, o potencial para narrar uma trajetória de integração do EU com a sociedade, no final, traz um desenvolvimento diferente do que é esperado no masculino.

É preciso que seja ressaltado que o contexto histórico e social, intrínsecos às origens do Bildungsroman, também são outros fatores que precisam ser levados em consideração ao

se realizar a apropriação da referida terminologia em textos modernistas, como o de Virginia Woolf e, mais ainda, em um romance como *Mrs. Dalloway* (1966), que expõe uma sociedade traumatizada pela guerra e, conseqüentemente, com um sentimento em relação à pátria bem diverso daquele que marcava a *Aufklärung* (Iluminismo) na Alemanha.

Mrs. Dalloway e os efeitos da Primeira Guerra Mundial

Mrs. Dalloway (1966), publicado em 1925, retrata uma quarta-feira de junho de 1923 – cinco anos, portanto, após o término da Primeira Guerra Mundial. No romance em questão, há basicamente, duas reações, opostas entre si, aos efeitos do conflito: de um lado os nobres, aristocratas, que se orgulham da pátria e de manter a Inglaterra como uma nação forte e soberana; do outro, os traumatizados pela guerra, aqueles em que a ferida psicológica foi mais profunda que aquela sofrida durante as batalhas.

A Primeira Guerra Mundial, também conhecida como “A Grande Guerra pela Civilização”, sustentava a falsa crença de que a Guerra acontecia somente em nome da defesa da civilização e para fortalecer a nação no contexto mundial. No livro *Churchill, Hitler e a “Guerra desnecessária”* (2008: 5), Buchanan observa que a justificativa dada pelas autoridades foi uma “linguagem da hora do recreio na escola pública”. Em outras palavras, as autoridades, por meio de um discurso simplificador, mas convincente, persuadiram a população a crer na necessidade de defesa da honra e da história da Inglaterra como a causa da entrada do país no conflito. Prova disso é o número recorde de alistamentos voluntários nos primeiros anos do conflito.

Entretanto, embora a Inglaterra tenha saído vitoriosa da Primeira Guerra Mundial, via-se, no período posterior, em muitos segmentos da sociedade, a presença de um sentimento de desencanto e desilusão, devido ao abandono em que se encontravam muitos daqueles que

realmente defenderam a nação. Sentimentos muito bem descritos nos seguintes versos do poema Hugh Selwyn Mauberly (2012), de Ezra Pound, sobre os que lutaram na Primeira Guerra Mundial: "[...] walked eye-deep in hell/ believing in old men's lies, then unbelieving/ came home, home to a lie,/ home to many deceits / home to old lies and new infamy [...]". (POUND, 2012: ONLINE)

Um contexto diferente marca o período que compreende o surgimento do Bildungsroman na Alemanha, a Aufklärung (Iluminismo). Este é um momento otimista que se vincula à ideologia do Bildungsroman especialmente pela “[...] crença na possibilidade de aperfeiçoamento pessoal e no trabalho em prol do bem comum.” (MAAS, 2000: 27). É uma época em que a literatura na Alemanha busca autonomia, afirmação no contexto europeu, e se mostra atrelada ao contexto histórico, cultural e político. Sendo assim, “[...] um fenômeno ‘tipicamente alemão’, capaz de expressar o ‘espírito alemão’ em seu mais alto grau, o Bildungsroman firmou-se como um conceito produtivo em quase todas as literaturas nacionais de origem europeia [...]” (MAAS, 2000: 13).

Os anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister (1994), então, não apenas funciona como a obra paradigmática de um gênero literário como também auxilia o entendimento do momento histórico em que se encontra. Meister aceita e quer ser guiado pela sociedade alemã a fim de atingir o que esta considera como a formação perfeita para um indivíduo. Vale destacar que as demais personagens auxiliam a trajetória de formação de Meister, seja de maneira direta, como Jarno e a Sociedade da Torre, ou indireta, ao modo de Friedrich e sua forma “prática” de adquirir conhecimento.

Já Mrs. Dalloway (1966), que tem sido destacado como “novel of female development”, (ABEL, 1983: 164) possui alguns personagens que fogem às características deste tipo de romance ao exporem os aspectos negativos da sociedade britânica, sobretudo no

que tange aos efeitos da guerra. Dentre eles, podemos destacar Lady Bruton, que enfatiza a manutenção da tradição, apresentando características da nação inglesa, representantes do atraso para a sociedade, começando pelo fato de ela ser conhecida por se interessar mais por política que por pessoas. Sua relação com a protagonista Clarissa Dalloway é artificial e só acontece em nome dos bons costumes e da admiração nutrida por Richard Dalloway. Este, por sua vez, também a considera uma grande mulher, forte e com “pedigree”. No entanto, o louvor de Bruton às formas ultrapassadas de combate, como a cavalaria, a luta sobre o lombo dos cavalos mostra o quanto suas ideias são arcaicas.

Ela tinha por projeto mandar jovens de boa família para o Canadá, com o aparente propósito de que lá eles teriam uma vida melhor que na Inglaterra. A verdade é que Bruton não se preocupa com as pessoas, mas, a conselho de Richard, coloca essa justificativa a fim de tornar a carta, que vai enviar ao jornal Times, mais humana. Além da ajuda “diplomática” de Richard, ela precisa também da arte da escrita de um outro amigo, Hugh Whitbread, por isso os chama para almoçar. Para ela, escrever uma carta ao jornal é uma atitude quase impossível, pois apenas os homens conhecem as “[...] laws of the universe; knew how to put things; knew what was said; so that if Richard advised her, and Hugh wrote for her, she was sure of being somehow right” (WOOLF, 1966: 121).

O orgulho de Lady Bruton em relação à sociedade patriarcal, e a posição que ocupa – “Power was hers, position, income. She had lived in the forefront of her time. She had had good friends; known the ablest men of her day.” (WOOLF, 1966: 124) – é desprezado por Peter Walsh, que considera pessoas como ela esnobes e pedantes. Peter Walsh esteve em uma colônia inglesa, a Índia: “[...] plains, mountains, epidemics of cholera [...]” (WOOLF, 1966: 54) e, tendo visto como a decadência e a perda de poder do Império inglês já se manifestam com fortes tintas na Índia, não se deixa levar por essa ilusão de glória que constrói a

arrogância de personagens como Lady Bruton, Richard Dalloway e Hugh Whitbread. Para ele, o futuro da nação não está em indivíduos que carregam armas e se orgulham do passado, mas “[...] in the hands of young men like that [Duke of Cambridge]; young men such as he was thirty years ago; with their love to abstract principles [...]; reading science; reading philosophy” (WOOLF, 1966: 57).

Ao observar uma marcha de meninos que treinam para o exército e demonstram retidão, têm olhar fixo sempre para frente e expressões de fidelidade e amor à nação, ele admira a disciplina, mas sabe que se trata apenas de meninos fracos, que não sabem o que estão fazendo, pois não têm o conhecimento e experiência que Peter Walsh teve em relação ao ‘verdadeiro’ Império Inglês e, por isso, participam dessa fantasia de grandiosidade promovida por pessoas como Lady Bruton.

Walsh e Lady Bruton são alguns exemplos das forças e opiniões díspares que influenciam Clarissa durante toda a narrativa. Contudo, a protagonista é atingida de forma mais marcante pelo suicídio de Septimus. A reflexão a que ela se expõe sobre tal ato tem importante conclusão sobre morte e vida. Apesar de não conhecê-lo, ela sofre o impacto do evento, por reconhecer que o ex-soldado, de certa forma, é o retrato dos que vivem em angústia permanente por conta dos efeitos da guerra, conforme será explicitado no próximo tópico.

A trajetória do personagem Septimus Smith

O personagem aparece pela primeira vez em *Mrs. Dalloway* (1966) no momento em que há um acidente de carro na rua em frente à floricultura em que Clarissa Dalloway se encontra. Tanto Clarissa quanto a florista, Mrs. Pym, pensam ter ouvido um tiro, mas, na verdade é o barulho do motor explodindo. Assim que Mrs. Dalloway olha através da janela para ver o que aconteceu, Septimus aparece na cena: “Septimus Warren Smith, aged about

thirty, pale-faced, beak-nosed, wearing brown shoes and a shabby overcoat, with hazel eyes which had that look of apprehension in them which makes complete strangers apprehensive too” (WOOLF, 1966: 17).

Ele começa olhar o motor e toda aquela multidão que se aproxima para ver o acidente e tem a impressão de que o mundo vai explodir a qualquer momento. Devido ao trauma de guerra, Septimus, soldado veterano que defendeu a Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial, tem esse tipo de alucinação o tempo todo, especialmente por ter presenciado a morte de seu companheiro Evans, que também surge em suas visões, em um bombardeio.

Suas visões, tidas pelos médicos como simples delírios de um soldado que sofre dos nervos, são, na verdade, bem mais fiéis à real situação da Inglaterra se comparadas à ilusão de uma nação forte que a maioria da população tinha. Septimus vê a pátria despedaçada; consegue enxergar além das aparências impostas pelas autoridades. É nesse ponto que ele, representando os desalentados do Império Britânico, exerce uma espécie de influência em Clarissa, visto que, apesar de ela conviver com a aristocracia inglesa, que deseja mascarar os problemas da nação e viver das glórias do passado, consegue ter também a percepção do sofrimento de pessoas como Septimus.

Lucrezia, com quem ele é casado há cinco anos, não tem esse mesmo ponto de vista, pois deixou a Itália para viver com Septimus, seguindo o sonho de conhecer Londres e os ingleses, que ela respeita e admira. Nesse sentido, ela não se conforma com a condição atual do marido, pois ressentido o fato de que ele não lhe dá muita importância. Ela não compreende o drama de Septimus, por não ter sofrido diretamente o trauma de guerra, ser uma estrangeira e por dar razão ao que as autoridades, particularmente os médicos, dizem a respeito das mortes na guerra.

A nação inglesa buscou incutir na mentalidade da população a ideia de que os heróis mortos na guerra o fizeram por um bem maior, um sacrifício em nome da pátria e que isso é algo normal: eles devem ser lembrados com respeito e reverência. Assim, a própria Lucrezia, influenciada por esse posicionamento, questiona a validade do problema de Septimus: “But such things happen to everyone. Everyone has friends who were killed in the War. Everyone gives up things when they marry. She had given up her home [...]. But Septimus let himself think about horrible things, as she could too, if she tried.” (WOOLF, 1966: 74)

Lucrezia se perde no desejo de ver Septimus curado e em uma espécie de raiva por não entender os motivos pelos quais um rapaz de futuro tão promissor acabou desse jeito. Em meio à suas digressões, é apresentada a vida de Septimus, contada a partir do momento em que ele sai de casa, quando era apenas um garoto, não via futuro para um poeta em Stroud e vai para Londres. Ele deixa uma bela carta, digna de um grande homem, e que merecia ser lida pelo mundo todo quando ele tivesse vencido na vida e tornado famoso.

Aí se encontra o início de uma espécie de projeto de formação, como fazia a maioria dos jovens que nasciam em pequenas cidades e desejavam sair para vencer na vida (“London has swallowed up many guys called Smith”). Entretanto, o narrador já lança uma pista de que não se trata de um jovem qualquer: [...] though not fantastic Christian names like Septimus with which their parents have thought to distinguish them” (WOOLF, 1966: 94).

Em Londres, passa por diversas experiências que o tornam mais severo, entretanto mais maduro e cheio de ambições. Lá se apaixona por Miss Isabel Pole quando a viu lendo Shakespeare. No trabalho também, Septimus trilha um caminho de sucesso: Mr. Brewer, o gerente do escritório em que trabalha, considera o rapaz um excelente funcionário e vislumbra um futuro brilhante para ele. Desse modo, preocupa-se com a saúde de Septimus,

sempre muito magro e frágil, e, por isso, o orienta a jogar futebol. Mas algo interrompe os planos de Mr. Brewer: a guerra.

Septimus é um dos primeiros a se alistar, embora não parecesse saber ao certo o que estava fazendo: “He went to France to save an England which consists almost entirely of Shakespeare’s plays and Miss Isabel Pole in a green dress walking in a square” (WOOLF, 1966: 95). Como observa Albrinck (2009), jovens frágeis como Septimus eram atraídos pelo serviço militar por meio de uma publicidade que os envergonhava ao compará-los com homens fortes e viris que iriam proteger a nação, sua cultura e as mulheres: “In fact, the promotion of humanitarian masculinity was one of the first and most successful recruiting techniques in the government campaigns” (ALBRINCK, 2009: 54).

A estudiosa acima citada afirma ainda que o esporte, principalmente o futebol, também era uma das armas para o recrutamento, uma vez que sugere união e liderança, coincidindo com as recomendações e previsões de Mr. Brewer, que acabam se cumprindo na guerra: Septimus fica mais forte e é promovido, por sua eficiência que chama a atenção e também desperta o afeto do superior, Evans “They had to be together, share with each other, fight with each other, quarrel with each other” (WOOLF, 1966: 96). Da mesma forma que substituiu seu trabalho no escritório pelo fronte; o amor por Miss Pole volta-se para Evans.

Quando Evans morre, pouco antes do armistício na Itália, Septimus se orgulha em não demonstrar nenhum sentimento. “The War had taught him. It was sublime. He had gone through the whole show, friendship, European War, death, had won promotion, was still under thirty and was bound to survive” (WOOLF, 1966: 96). Então, ocorre uma total transformação do rapaz delicado, que se maravilhava com as palavras de Shakespeare, em soldado hostil, que não conhece mais o significado de ‘sentir’.

Ao voltar da guerra, Septimus percebe então que os motivos que o levaram a se alistar não existem mais: a nação shakesperiana de que ele se orgulhava e queria defender perde todo seu brilho após o contato cruel com a morte em campo de batalha; depois de ter perdido Evans e ter visto todo o tipo de violência, é impossível crer no amor entre as pessoas. O herói que ele imaginava ser quando se alistou não é o mesmo que ele e os outros soldados se tornaram. Após o fim da guerra, Septimus sabe que lutou em nome de disputas políticas de uma nação vaidosa e arrogante que lhe vira as costas e finge ignorar o fato de que loucura é resultado do trauma de ter visto e praticado inúmeras atrocidades.

Mesmo com essa consciência, ele tenta cumprir os papéis que a sociedade lhe impõe: o casamento e a volta ao trabalho, onde era considerado um excelente funcionário. Mas, para ele, o mundo não tem mais significado. Essa transformação se evidencia também na forma como ele interpreta Shakespeare. Antes da guerra, encantava-se com a beleza das palavras, opinião também de Meister no romance de Goethe (1994: p.185): “Parecem obra de um gênio celestial, que se aproxima dos homens para lhes dar a conhecer a si mesmos da maneira mais natural”. Após o conflito, crê que o autor inglês abomina a humanidade: “This was now revealed to Septimus; secret signal which our generation passes, under disguise, to the next is loathing, hatred despair. Dante the same. Aeschylus (translated) the same.” (WOOLF, 1966: 98).

Uma das relações intertextuais estabelecidas com Shakespeare em Mrs. Dalloway (1966) se dá por meio da citação direta, mais de uma vez durante a narrativa, do verso “Fear no more the heat of the sun”, presente na canção de um funeral que acontece na peça Cymbeline (SHAKESPEARE, 2012: 1088), o qual sugere a morte como uma liberação dos problemas encontrados pela vida, conclusão que Septimus amadurece durante todo o romance e que também coincide com a perspectiva de Clarissa.

Obras como as de Shakespeare e outros textos literários que estimulam a reflexão sobre as angústias e os sentimentos dos homens eram evitados pelas autoridades daquele tempo. Um exemplo é quando Dr. Holmes vai visitar Septimus e afasta o livro de Shakespeare. O médico ainda diz para o ex-soldado procurar coisas reais para e preocupar, como sua família e seu trabalho. O Shakespeare, no pós-guerra, não desperta devoção, e sim questionamentos sobre as maldades de que são capazes os homens, bem diferente do Shakespeare que era símbolo de uma nação forte e servia de motivação para o alistamento de jovens visionários como Septimus.

Nasce um novo Septimus, que agora tem consciência de que foi um fantoche da sociedade inglesa e quer libertar seu verdadeiro EU. Entretanto, não encontra vez nem voz na sociedade e, pouco a pouco, entra no universo da loucura. É a partir desse momento que entra em cena a ajuda médica, sempre representando os interesses da nação. Para Dr. Holmes, o abalo de Septimus não passa de “um probleminha dos nervos”; na opinião de Dr. Bradshaw, Septimus deve ser afastado do convívio social imediatamente.

As perguntas feitas de forma automática durante a consulta com o Dr. Bradshaw dão sinal de que esse mal não é uma exclusividade de Septimus, mas de todos aqueles que não conseguiram apagar da memória a violência da guerra. Essa forma mecânica de tratar o problema mostra a falta de consideração com esses indivíduos problemáticos e também que Bradshaw está acostumado a ‘acabar’ com esse tipo de distúrbio, que, aliás, não chama de loucura, e sim, falta de proporção.

Para Dr. Bradshaw, a perda da noção de proporção resulta em alucinações. Uma pessoa com esse problema deve repousar, afastar-se da vida em sociedade e de qualquer tipo de comunicação até tornar-se ‘normal’, recuperar sua noção de proporção. Tratando as

peessoas assim, não só Dr. Bradshaw, mas a Inglaterra também prosperou, uma vez que os tidos como lunáticos não conseguiram espalhar opiniões que fossem contra a nação próspera.

É o que ele deseja fazer com Septimus, entretanto o ex-combatente é bastante lúcido ao afirmar que tinha cometido um crime contra a natureza humana e estava sendo condenado. Ele se refere ao fato de que matou pessoas com a autorização da Inglaterra em nome de uma disputa política e econômica de uma minoria. Essa constatação, quando em choque com os ensinamentos, naturais a todo o indivíduo, de que não se deve matar, provoca o pânico do ex-soldado: na guerra, ele foi contra uma lei: não matar o próximo e, diferentemente de seu companheiro Evans, ainda, foi poupado com vida, obrigado a provar o amargor dos atos cometidos. Por isso, sente-se desajustado, incapaz de sentir e experimentar sentimentos mais alentadores. Enquanto a maioria da população, cega e manipulada, clama os soldados da guerra como grandes heróis, ele se sente um criminoso e entende que suas alucinações são uma espécie de castigo por ele ter matado tantas pessoas.

O papel do médico na sociedade daquela época era fazer com que indivíduos como Septimus não pudessem refletir sobre as atrocidades que fizeram guiados pelas autoridades e, dessa forma, não se revoltassem contra elas, causando um caos na nação. Por isso, era necessário isolar tais pessoas, pois poderiam se unir ou ainda mostrar à população, que acredita na guerra como defesa da nação, o verdadeiro lado do conflito, qual seja, uma sequência de mortes em nome do poder e da ganância por angariar mais territórios e consolidar-se como a nação mais poderosa da Europa.

Os médicos são, pois, as figuras que representam a ciência que, a fim de acobertar as reais intenções daqueles que estão no comando, criam doutrinas a serem seguidas, mas não oferecem explicações plausíveis, aproximando-se do discurso religioso, como se pode observar na passagem abaixo:

Heaven was divinely merciful, divinely benignant. It spared him, pardoned his weakness. But what was the scientific explanation (for one must be scientific above all things)? Why could he see through bodies, see into the future, when dogs will become men? It was the heat wave presumably, operating upon a brain made sensitive by eons of evolution. Scientifically speaking, the flesh was melted off the world. His body was macerated until only the nerves fibres were left. It was spread like a veil upon a rock. (WOOLF, 1966: 76).

A religião perdoou os indivíduos que cometeram o pecado de matar devido à causa nobre de defender a nação, como tem sido feito desde as épocas mais antigas, por exemplo, nas Cruzadas. Contudo, a religião absolve, justifica os atos, mas não explica o que Septimus sente e vê. Tampouco a ciência traz explicações claras, até porque, nesse momento, encontra-se unida à religião, como está expresso também na denominação dada a Dr. Bradshaw: “the priest of science” (WOOLF, 1966: 104). Portanto, ao colocarem em Bradshaw esse poder da ciência, como se ele fosse um deus, as autoridades buscam mascarar as verdadeiras motivações para as recentes atrocidades, pois, como herança dos vitorianos, a ciência é indiscutível.

É nesse contexto paradoxal que a sociedade inglesa se encontra e no qual é impossível se pensar em um romance de formação para Mrs. Dalloway, uma vez que a própria sociedade está fraturada bem como o indivíduo. De um lado, as autoridades tentam banir todo o tipo de reflexão que as conteste e, de outro, Septimus, representante daqueles que questionam a confiabilidade na ciência e no governo, surge marginalizado, à parte da mesma sociedade que o mandou para o fronte, como fica claro no seguinte trecho: “‘Must’, ‘must’, ‘why must’? What power had Bradshaw over him? ‘What right has Bradshaw to say “must” to me?’”

(WOOLF, 1966: 162). Septimus carrega um poder muito mais temido que a força física: o conhecimento, seja pela experiência de ter participado diretamente do conflito e sofrer com suas consequências, seja no saber adquirido por meio de leituras e reflexões. Uma população sem conhecimento poder ser facilmente manipulada pelo governo; já indivíduos como Septimus, não.

Antes de se matar, Septimus pega tudo o que tinha escrito e desenhado e pede para Lucrezia queimar, já que suas ‘obras’ tratam de morte, destruição e horror, ou seja, tudo o que realmente aconteceu na guerra, diferente da visão de heroísmo e glória que as autoridades desejavam incutir na mente da população. Ele tem a consciência de que não chegou sozinho ao estado mental em que se encontra e, por isso, no momento em que comete o suicídio, a carga de culpa, natural a esse tipo de prática, é lançada a Dr. Holmes, representante da natureza humana, das autoridades inglesas que marginalizam os que podem representar um risco para a imagem de uma nação forte: “‘I’ll give it to you!’ He cried, and flung himself vigorously, violently down on to Mrs. Filmer’s area railings.” (WOOLF, 1966: 165)

O ex-soldado encontra sua expressão na morte, elemento frequente nas obras woolfianas, que nem sempre significa esterilidade, ausência de vida, e sim promessa de renascimento, criação, plenitude – a morte não é um oposto à vida e sim um complemento, como verificamos na fala de Clarissa Dalloway, quando a notícia da morte do rapaz chega até sua festa: “Death was defiance. Death was an attempt to communicate, people feeling the impossibility of reaching the centre which, mystically, evade them; closeness drew apart; rapture faded; one was alone. There was an embrace in death.” (WOOLF, 1966: 204).

A reflexão de Clarissa sobre a morte de Septimus enfatiza a comunicação, a liberdade e a resistência a certos valores que a sociedade impunha. É um desafio a uma sociedade que

deseja que jovens como Septimus matem seus semelhantes e vivam em paz com suas memórias. Mesmo sem conhecê-lo, ela intui a explicação para seu suicídio:

But this young man that killed himself – had he plunged holding his treasure? ‘If it were now to die, ’twere now to be most happy’ [...]. Or there were the poets and thinkers. Suppose that he had had that passion, and had gone to Sir William Bradshaw, a great doctor yet to her obscurely evil, without sex or lust, extremely polite to women, but capable of some indescribable outrages, forcing your soul [...] Life is made intolerable; they make life intolerable, men like that? (WOOLF, 1966: 206).

Ao se identificar com um soldado, Clarissa problematiza também os limites entre as classes sociais, sendo ela esposa de um homem influente na política e na guerra. Ao descrever a morte como um desafio, ela vai contra o que a maioria da nação fazia ao louvar os grandes monumentos que homenageavam as mortes heroicas. Embora tenha escolhido uma vida dentro dos costumes e regras da mais alta aristocracia inglesa, tem sensibilidade para enxergar, assim como Septimus, as fraturas daquela nação que seu marido, Lady Bruton, Dr. Bradshaw e a maioria das pessoas de seu convívio fazem o possível para esconder. Ela tem consciência de que, para algumas pessoas, a guerra ainda não acabou:

For it was the middle of June. The War was over, except for someone like Mrs. Foxcroft at the Embassy last night eating her heart out because that nice boy was killed and now the old Manor House must go to a cousin; or Lady Bexborough who opened a bazaar, they said, with the telegram in her hand, John, her

favourite, killed; but it was over; thank Heaven — over. (WOOLF, 1966: 06-07)

A protagonista vive em uma constante disputa com as demandas sociais, pois tenta ser a anfitriã perfeita em nome da harmonia de seu lar e seu círculo social, mas não deixa de questionar a realidade a sua volta. Ao rejeitar Peter Walsh no passado, ou ainda abrir mão do amor que sentia por Sally, ela escolhe uma vida mais confortável e de acordo com as convenções, entretanto, não se deixa cegar por elas. O fato de Walsh e Sally ainda lhe provocarem sentimentos e a fazerem descer as escadas, voltando à festa para ver os velhos amigos, deixa em suspenso como será sua nova atuação, porque após ter sido abalada pela morte de um jovem que ela nem conhecia, Clarissa provavelmente agirá de forma diversa. Há um prenúncio de que nasce ali uma nova mulher, mas que, ainda assim, não dá mostras de que passará a rejeitar a totalmente a sociedade em que vive.

É nesse comportamento ambíguo e paradoxal que se encontra a inadequação do conceito de Bildungsroman, ou, até mesmo, da aplicação do termo “novel of female development” (ABEL, 1983: 164) em relação à personagem Clarissa Dalloway, uma vez que ela não caminha para um amadurecimento, pelo contrário, cada vez mais se mostra fragmentada, por memórias e sentimentos perturbadores como os que a morte de Septimus proporciona.

Notas Finais

O intento deste estudo foi mostrar que a trajetória de uma personagem como Clarissa ajuda a repensar o conceito de Bildungsroman feminino, ou ainda, novel of female development especialmente no que diz respeito a obras de autores modernistas como Virginia Woolf. Tais conceitos carecem de estudos mais atualizados que levem em conta a crítica

literária mais recente. No caso de Woolf, a partir da década de 90, nota-se uma transformação no que concerne ao olhar da crítica em relação à importância política e social das obras da autora, particularmente no que diz respeito às guerras.

A complexidade da personagem Clarissa Dalloway se deve ao fato de que ela é fruto e espelho de uma sociedade fragmentada. Woolf, ao empregar nesse romance as técnicas de fluxo da consciência, revela as angústias mais profundas de uma personagem que ora se apresenta como símbolo da aristocracia inglesa, ora rechaça as atitudes dessa nação, ainda que não manifeste isso diretamente aos demais personagens. A escritora inglesa mostra a realidade de maneira interiorizada, o evento externo é muito pequeno, atém-se a pequenos detalhes. É mediante a reação das personagens diante das transformações sociais que Woolf denuncia as mazelas da sociedade inglesa do pós-primeira guerra.

Por isso, embora a narrativa relate a história de vida de uma mulher já na idade adulta, cuja infância e adolescência são trazidas ao leitor por meio de recordações – características elencadas ao Bildungsroman feminino – a personagem não chega a se desintegrar totalmente da sociedade, visto que não tem como final a morte ou uma viagem com destino desconhecido, desfechos comuns ao gênero. Apesar de tomar consciência das mazelas sociais, Clarissa possivelmente continuará a dar festas e a cuidar do lar como insinua o final aberto do romance.

Tampouco sua trajetória entra em consonância com o Bildungsroman tradicional, especialmente por sua identificação, no final da narrativa, com o personagem Septimus, símbolo da decadência da Inglaterra. Desse modo, Woolf evidencia a impossibilidade de seguir um modelo literário do século XVIII e escancara o retrocesso que representava o pensamento da nobreza e da aristocracia na Inglaterra que, para garantir sua imagem

soberana, fazia o possível para suprimir os anseios individuais, especialmente, aqueles que pudessem mostrar uma sociedade fraturada.

Assim, o presente trabalho expôs os conflitos devido aos quais é difícil pensar em uma trajetória de formação para a personagem Clarissa Dalloway, protagonista desse romance modernista – seja à luz do conceito tradicional de Bildungsroman, ou como Bildungsroman feminino, ou ainda novel of female development – na sociedade britânica do início do século XX tão conturbada e atormentada pelos horrores da guerra. Neste sentido, confirma-se também que o Bildungsroman é um conceito característico de uma determinada época e local, devendo ser utilizado com ressalvas quando em situações diferentes de sua origem.

Referências

ABEL Elizabeth, HIRSCH, Marianne, LANGLAND, Elizabeth. *The Voyage In: Fictions of Female Development*. Hanover, NH: UP of New England for Dartmouth College, 1983.

ALBRINCK, Meg. “Are you in this?” Using British Recruiting Posters to Teach Mrs. Dalloway. In: BARRET, Eileen; SAXTON, Ruth O. (Ed.) *Approaches to teaching Woolf’s Mrs. Dalloway*. New York: The Modern Language Association of America, 2009.

BOES, Tobias. “**Modernist Studies and the Bildungsroman**: A Historical Survey of Critical Trends.” *Literature Compass* vol. 3, n. 2, 2006, p. 230–243.

BUCHANAN, Patrick J. *Churchill, Hitler e a “Guerra Desnecessária”*. Edição Compacta. Tradução Vania Cury. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

CASTLE, Gregory. *Reading the Modernist Bildungsroman*. Gainesville, FL: University of Florida Press, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Tradução Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

MAAS, Wilma Patrícia M. D. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

POUND, Ezra. **Hugh Selwyn Mauberly**. Available at <http://www.americanpoems.com/poets/ezrapound/16155>>. Accessed in Jan/2012.

SHAKESPEARE, William. **Antony and Cleopatra**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

SHAKESPEARE, William. *Cymbeline*. In: _____. **Complete Plays**. New York: Fall River Press, 2012.

WESTERVEL, Linda A. **Beyond Innocence or the Altersroman in Modern Fiction**. Columbia: University of Missouri Press, 1997.

WOOLF, Virginia. **To the Lighthouse**. 3rd ed. London: Penguin Books, 1965.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. 3rd ed. London: Penguin Books, 1966.

WOOLF, Virginia. **Between the Acts**. London: Penguin Books, 2000.

WOOLF, Virginia. "Professions for Women". In: WOOLF, Virginia. **The Death of the Moth and other essays**. Disponível em <<http://www.sfu.ca/~scheel/english338/Professions.htm>>. Accessed in Jan/2010.